CRÍTICA

I PUGNI IN TASCA

Paulo Perdigão

Um filme-obsessão, e, por ser o primeiro de um diretor de 26 anos, também um filme-surprêsa. **I Pugni in Tasca** não apenas esconde quaisquer das limitações que seriam normais num estreante, mas as substitui por uma grave eloqüência, uma tenacidade sinistra — acusando em Marco Bellocchio o artista plenamente amadurecido, a maior explosão de talento que o cinema italiano produziu desde Francisco Rosi. No grupo de cineastas revelados nos anos 60 — e que sucede à geração intermediária, a de Bolognini, Elio Petri, Zurlini, Maselli —, Bellocchio já ocupa o primeiro pôsto, à frente de Bernardo Bertolucci (**Prima Della Rivoluzione**) e Gianfranco de Bosio (**Il Terrorista**). Para essa ascensão instantânea, bastou a obra de estréia: uma narrativa terrível e solene, nobre e impiedosa, o filme que ilude pelas aparências (epilepsia, matricídio, incesto) e nega a lógica das probabilidades (os três curta-metragens de Bellocchio não o autorizavam a tamanha vitória), fazendo-se por isso mais inesperado, estarrecedor.

"O que quis mostrar é a condição de um adolescente: a adolescência tem sempre necessidade de pretextos para se justificar, para justificar o seu estado de frustração permanente". Na tese-intenção de Bellocchio, a epilepsia é êsse pretexto. O matricídio e o fratricídio, os móveis da revolta de Alessandro, o adolescente. Uma família de Piacenza: a mãe cega, dois filhos epilépticos. Alessandro tem absoluta consciência de sua inferioridade ética e social, vive sem trabalhar, taciturno e só, mas não quer ser um inútil: vencer êsse estado de infantilismo patológico é sobretudo desafiar a responsabilidade de etiquêta, o humanismo degenerado da burguesia. Para ser um homem e não um espectro a quem se oferece piedade e distância, êle age. Violará a lei natural, embora seu gesto não carregue, implícita, uma compulsão homicida. Ao planejar o duplo crime, Alessandro está inconscientemente atribuindo à figura da mãe tôda a herança que êle odeia, e ao irmão mais môço e mais doente, a caricatura abjeta de sua própria desgraça. Nas palavras de Marcel Martin, "o que êle mata naturalmente em sua mãe e seu irmão é o **mal**", nesse filme simbolizado da forma mais clara. "A mãe é cega, como são cegas tôdas as mães diante da adolescência". Alessandro não se contenta em eliminar a mãe, queimando as lembranças de família depois dos funerais, quando êle e sua irmã Giulia se entregam a uma vigília sarcástica. É preciso, ainda, assumir diante de Giulia a importância de Augusto, o irmão mais velho, normal, como êle desejaria ser. Bellocchio nos exibe com o seu protagonista mais do que um pobre diabo que, com evidente índole narcisista (Alessandro está sempre a admirar o próprio corpo, exercitando-o, como se procurasse dar-lhe uma função vital) profana os códigos dos bons sentimentos, como uma versão moderna de Raskolnikov. Vê em Alessandro a trágica demonstração de renúncia que é a não-afirmação de personalidade, o homem desarmado diante de si mesmo, sujeito a um movimento fatal — "o impossível ponto de encontro entre a extrema lucidez e a extrema aberração", na definição de Jean-André Fieschi.

I Pugni in Tasca rompe definitivamente com a idéia do "homem social" neo-realista. Mas não necessita recorrer ao receituário de figuras de estilo e sintaxe adotado pelo nôvo cinema para acompanhar com intensa acuidade de observação psicológica e um clima exasperado a trajetória de seus personagens. É um filme **moderno** de estrutura dramática clássica, mais teatral do que romanesca, forte em suas tintas figurativas. Sem dar sinais de humor negro (as citações de Buñel não chegam a ser impertinentes, mas irrelevantes no contexto), nem de condescendência moral (o filme foge a qualquer **partipris** diante do assunto), o que faz Bellocchio é dar maior ênfase às atrocidades, jogando com elementos dramáticos quase pitorescos, a fim de deixar bem nítida a imagem da decadência de um quadro social (no roteiro, as relações entre o drama de Alessandro e a média burguesia de Piacenza eram pormenorizadas, mas Bellocchio, com problemas de metragem, teve de reduzi-las a duas cenas: a festa e aparição da prostituta). "Aqui, a poesia está em função da lucidez", escreveu Claude-Jean Philippe. E há poesia na última imagem, Bellocchio ainda arrancando da morbidez uma angústia surda, do horror uma beleza fúnebre: a convulsão final do herói, ao som da ária "Sempre Libera", de "La Traviata", refaz em tom mais denso e num climax emocional em riste o que Chabrol colocou no desfecho de **À Double Tour** (Quem Matou Lêda?) com a "Serenata em Si Bemol" de Mozart. Nesse epílogo, **I Pugni in Tasca** não afasta a influência da alma operística nem das linhas profundas da dramaturgia italiana, que vão de Verdi a Pavese, até o cinema de Visconti. Raramente um filme soube chegar tão perto do abismo melodramático para desafiá-lo com exemplar dignidade. É **I Pugni in Tasca** êsse filme, e Marco Bellocchio o cineasta cujo poder de provocação já reflete indeclinável talento, habilitando-o àquele desafio.